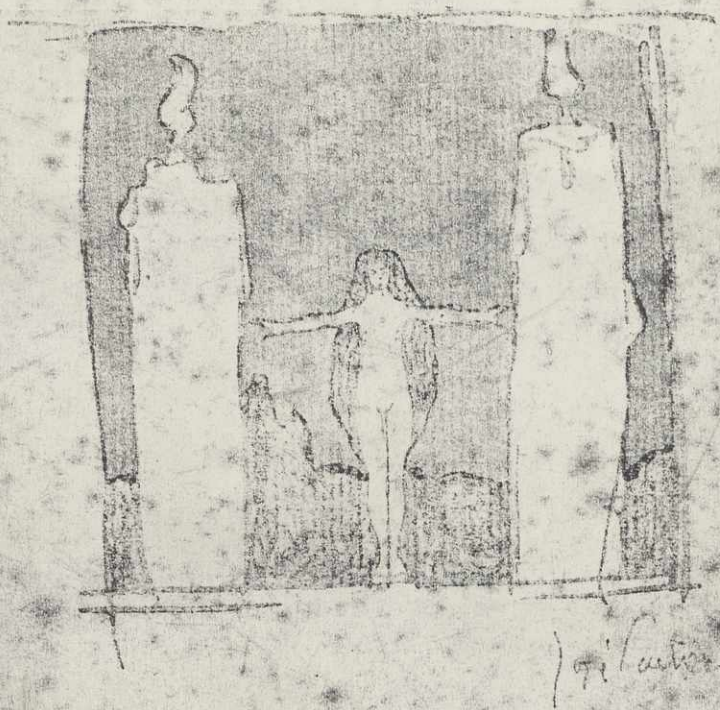
ORPHEU 3

São conhecidos dois exemplares de provas tipográficas, já paginadas, da colaboração original literária do número três da célebre revista ORPHEU; órgão do movimento modernista português: um, incompleto, durante anos guardado secretamente pelo poeta Fernando Pessoa, descoberto por Adolfo Casais Monteiro, que desse exemplar publicou edição com a colaboração do genial poeta; outro, completo, por «Estranhas Malhas que o Império Tece» em poder de um outro poeta. (a)

Para que este texto completo da colaboração literária não se perdesse, foi dada à Biblioteca Pública Municipal do Porto a possibilidade de o guardar, em fotocópia, e de assim facilitar o seu conhecimento aos interessados.

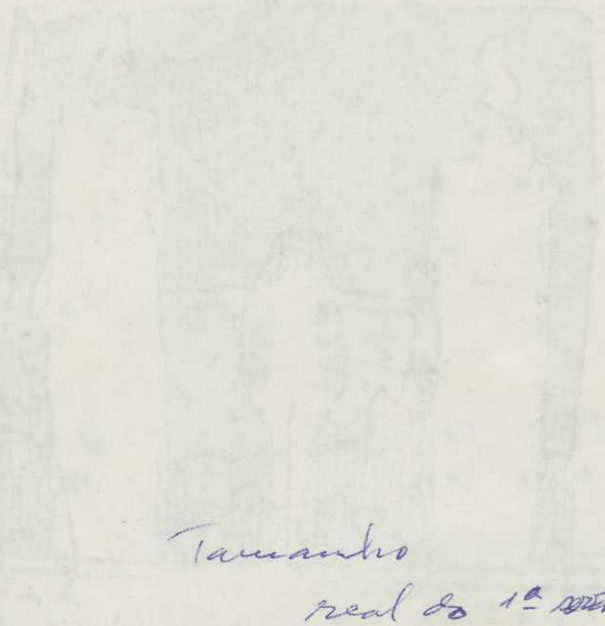
"O.P. de J." - 6.7.1977

a) Alberto de Serpa.



1050

Orpheus



Tamanho
real do 1º exemplar.

ORPHEU

POEMAS DE PARIS

DE

MARIO DE SÁ-CARNEIRO

SÉTE CANÇÕES DE DECLINIO

1.

Um vago tom de opala debelou
Prolixos funerais de luto d'Astro —
E, pelo espaço, a Oiro se enfolou
O estandarte rial — livre, sem mastro.

Fantastica bandeira sem suporte,
Incerta, nevoenta, recamada —
A desdobrar-se como a minha sorte
Predita por ciganos numa estrada...

2.

Atapetemos a vida
Contra nós e contra o mundo.
— Desçamos pânos de fundo
A cada hora vivída.

Desfiles, danças — embora
Mal sejam uma ilusão.
— Scenarios de mutação
Pela minha vida fóra!

Quero ser Eu plenamente:
Eu, o possesso do Pasmo.
— Todo o meu entusiasmo,
Ah, que seja o meu Oriente!

O grande doido, o varrido,
O perdulario do Instante —
O amante sem amante,
Ora amado ora traido...

Slhi

Lançar as barcas ao Mar —
De nevoa, em rumo de incerto...
— Pra mim o longe é mais perto
Do que o presente lugar.

... E as minhas unhas polidas —
Ideia de olhos pintados...
Meus sentidos maquilados
A tintas desconhecidas...

Misterio duma incerteza
Que nunca se ha de fixar...
Sonhador em frente ao mar
Duma olvidada riqueza...

— Num programa de teatro
Suceda-se a minha vida:
Escada de Oiro descida
Aos pinotes, quatro a quatro!...

3

— Embora num funeral
Desfraldemos as bandeiras:
Só as Côres são verdadeiras —
Siga sempre o festival!

Kermesse — eia! — e ruido!
Louça quebrada! Tropel!
(Defronte do carroussel,
Eu, em ternura esquecido...)

Fitas de côr, vozearia —
Os automoveis repletos:
Seus chauffeurs os meus affectos
Com librés de fantasia!

Ser bom... Gostaria tanto
De o ser... Mas como? Afinal
Só se me fizesse mal
Eu fruiria esse encanto.

— Afectos?... Divagações...
Amigo dos meus amigos...
Amizades são castigos,
Não me embaraço em prisões!

Fiz dêles os meus criados,
Com muita pena — decerto,
Mas quero o salão aberto
E os meus braços repousados.

4.

As grandes Horas ! — vivê-las
A preço mesmo dum crime !
Só a beleza redime —
Sacrificios são novelas.

«Ganhar o pão do seu dia
Com o suor do seu rosto»...
— Mas não ha maior desgosto
Nem ha maior vilania !

E quem fôr Grande não venha
Dizer-me que passa fome :
Nada ha que se não dome
Quando a Estrela fôr tamanha !

Nem receios nem temores,
Mesmo que sofra por nós
Quem nos faz bem. Esses dós
Impeçam os inferiores.

Os Grandes partam — dominem
Sua sorte em suas mãos :
Toldados, inuteis, vãos,
Que o seu Destino imaginem !

Nada nos pode deter :
O nosso caminho é d'Astro !
Luto — embora ! — o nosso rastro,
Se pra nós Oiro ha de ser !....

5

Vaga lenda facetada
A imprevisto e miragens —
Um grande livro de imagens,
Uma toalha bordada...

Um baile russo a mil côres,
Um Domingo de Paris —
Cofre de Imperatriz
Roubado por malfeitores...

Antiga quinta deserta
Em que os donos faleceram —
Porta de cristal aberta
Sôbre sonhos que esqueceram...

Um lago á luz do luar
Com um barquinho de corda...
Saudade que não recorda —
Bola de tennis no ar...

Um leque que se rasgou —
Anel perdido no parque —
Lenço que acenou no embarque
D'Aquela que não voltou...

Praia de banhos do Sul
Com meninos a brincar
Descalços, á beira mar,
Em tardes de ceu azul...

Viagem circulatoria
Num expresso de wagons-leitos —
Balão aceso — defeitos
De instalação provisoria...

Palace cosmopolita
De rastaquouères e cocótes —
Audaciosos decotes
Duma francesa bonita....

Confusão de music-hall,
Aplausos e brou-u-ha—
Interminavel sofá
Dum estofo profundo e mole...

Pinturas a «ripolin»,
Anuncios pelos telhados —
O barulho dos teclados
Das Linotyp' do «Matin»...

Manchette de sensação
Transmitida a todo o mundo —
Famoso artigo de fundo
Que acende uma revol'ção...

Um sobrescrito lacrado
Que transviou no correio,
E nos chega sujo — cheio
De carimbos, lado a lado...

Nobre ponte citadina
De intranquila capital —
A humidade outonal
Duma manhã de neblina...

Slhi

Uma bebida gelada —
Presentes todos os dias...
Champanhe em taças esguias
Ou água ao sol entornada...

Uma gaveta secreta
Com segredos de adulterios...
Porta falsa de misterios —
Toda uma estante replecta:

Seja emfim a minha vida
Tarada de ócios e Lua:
Vida de café e rua,
Dolorosa, suspendida —

Ah! mas de enlevo tão grande
Que outra nem sonho ou prevejo...
— A eterna mágoa dum beijo,
Essa mesma, ela me expande...

6

Um frenesi hialino arripiou
Pra sempre a minha carne e a minha vida.
Fui um barco de vela que parou
Em subita baía adormecida...

Baía embandeirada de miragem,
Dormente de ópio, de cristal e anil,
Na ideia dum país de gaze e Abril,
Em duvidosa e tremulante imagem...

Parou ali a barca — e, ou fôsse encanto,
Ou preguiça, ou delirio, ou esquecimento,
Não mais aparelhou... — ou fôsse o vento
Propicio que faltasse: agil e santo...

... Frente ao porto esboçava-se a cidade,
Descendo enlanguescida e preciosa:
As cupulas de sombra côr de rosa,
As tôrres de platina e de saudade.

Avenidas de sêda deslisando,
Praças d'honra libertas sôbre o mar —
Jardins onde as flôres fôssem luar;
Lagos — caricias de ambar flutuando...

Os palacios de rendas e escumalha,
De filigrana e cinza as catedrais —
Sôbre a cidade, a luz — esquiva poalha
Tingindo-se através longos vitrais...

Vitrais de sonho a debroa-la em volta,
A isola-la em lenda marchetada:
Uma Veneza de capricho — solta,
Instavel, dubia, pressentida, alada...

Exilio branco — a sua atmosfera,
Murmúrio de aplausos — seu brou-u-há...
E na Praça mais larga, em frágil cera,
Eu — a estátua «que nunca tombará»...

7

Meu alvoroço d'oiro e lua
Tinha por fim que transbordar...
— Caiu-me a Alma ao meio da rua,
E não a posso ir apanhar!

Paris — julho e agosto 1915

ABRIGO

Paris da minha ternura
Onde estava a minha Obra —
Minha Lua e minha Cobra,
Timbre da minha Aventura.

O' meu Paris, meu menino,
Meu inefavel brinquedo...
—Paris do lindo segrêdo
Ausente no meu destino.

Regaço de namorada,
Meu enleio apetecido —
Meu vinho d'Oiro bebido
Por taça logo quebrada...

Minha febre e minha calma —
Ponte sôbre o meu revez:
Consolo da viuvez
Sempre noiva da minh'Alma...

O' fita benta de côr,
Compressa das minhas feridas...
— O' minhas unhas polidas,
— Meu cristal de toucador...

Meu eterno dia de ânos,
Minha festa de veludo...
Paris: derradeiro escudo,
Silencio dos meus enganos.

Milagroso carroussel
Em feira de fantasia —
Meu orgão de Barbaria,
Meu teatro de papel...

Minha cidade-figura,
Minha cidade com rosto...
— Ai, meu acerado gosto,
Minha fruta mal madura...

Mancenilha e bem-me-quer,
Paris — meu lobo e amigo...
— Quisera dormir contigo,
Ser todo a tua mulher!...

Paris — setembro 1915

CINCO HORAS

Minha mesa no Café,
Quero-lhe tanto... A garrida
Toda de pedra brunida
Que linda e que fresca é!

Um sifão verde no meio
E, ao seu lado, a fosforeira
Diante ao meu copo cheio
Duma bebida ligeira.

(Eu bani sempre os licores
Que acho pouco ornamentais:
Os xaropes têem côres
Mais vivas e mais brutais.)

Sôbre ela posso escrever
Os meus versos prateados,
Com estranheza dos criados
Que me olham sem perceber..

Slhi

Sôbre ela descanso os braços
Numa atitude alheada,
Buscando pelo ar os traços
Da minha vida passada.

Ou acendendo cigarros,
— Pois ha um âno que fumo —
Imaginario presumo
Os meus enredos bizarros.

(E se acaso em minha frente
Uma linda mulher brilha,
O fumo da cigarrilha
Vai beija-la, claramente...)

Um novo freguez que entra
E' novo actor no tablado,
Que o meu olhar fatigado
Nêle outro enredo concentra.

E o carmim daquela bôca
Que ao fundo descubro, triste,
Na minha ideia persiste
E nunca mais se desloca.

Cinge tais futilidades
A minha recordação,
E destes vislumbres são
As minhas maiores saudades...

(Que história d'Oiro tão bela
Na minha vida abortou:
Eu fui heroi de novela
Que autor nenhum empregou...)

Nos cafés espero a vida
Que nunca vem ter comigo:
— Não me faz nenhum castigo
Que o tempo passa em corrida.

Passar tempo é o meu fito,
Ideal que só me resta:
Pra mim não ha melhor festa,
Nem mais nada acho bonito.

— Cafés da minha preguiça.
Sois hoje — que galardão! —
Todo o meu campo de acção
E toda a minha cubiça.

Paris — setembro 1915

SERRADURA

A minha vida sentou-se
E não ha quem a levante,
Que desde o Poente ao Levante
A minha vida fartou-se.

E ei-la, a môna, lá está,
Estendida, a perna traçada,
No infindavel sofá
Da minha Alma estofada.

Pois é assim: a minh'Alma
Outróra a sonhar de Russias,
Espapaçou-se de calma,
E hoje sonha só pelucias.

Vai aos Cafés, pede um bock,
Lê o «Matin» de castigo,
E não ha nenhum remoque
Que a regresse ao Oiro antigo!

Dentro de mim é um fardo
Que não pesa, mas que maça:
O zumbido dum moscardo,
Ou comichão que não passa.

Folhetim da «Capital»
Pelo nosso Julio Dantas—
Ou qualquer coisa entre tantas
Duma antipatia igual...

O raio já bebe vinho,
Coisa que nunca fazia,
E fuma o seu cigarrinho
Em plena burocracia!...

Qualquer dia, pela certa,
Quando eu mal me precate,
E' capaz dum disparate,
Se encontra uma porta aberta...

Isto assim não pode ser...
Mas como achar um remedio?
— Pra acabar este intermedio
Lembrei-me de endoidecer:

O que era facil — partindo
Os moveis do meu hotel,
Ou para a rua saindo
De barrête de papel

Vou deixal-a — decidido —
No lavabo dum café,
Como um anel esquecido.
E' um fim mais raffiné.

Paris — setembro 1915

O LORD

Lord que eu fui de Escócias doutra vida
Hoje arrasta por esta a sua decadencia,
Sem brilho e equipagens.
Milord reduzido a viver de imagens,
Pára ás montras de joias de opulencia
Num desejo brumoso — em dúvida iludida...
(—Por isso a minha raiva mal contida,
—Por isso a minha eterna impaciencia.)

Olha as Praças, rodeia-as...
Quem sabe se êle outróra
Teve Praças, como esta, a palacios e colunas,
Longas terras, quintas cheias.
Hiates pelo mar fóra,
Montanhas e lagos, florestas e dunas...

(—Por isso a sensação em mim fincada ha tanto
Dum grande património algures haver perdido;
Por isso o meu desejo astral de luxo desmedido —
E a Côr na minha Obra o que restou do encanto...)

Paris — setembro 1915

MARIO DE SÁ-CARNEIRO

APOZ O RAPTO

COMPOSIÇAO DE

ALBINO DE MENEZES

... No logar das larangeiras apoz o rapto, vamos então experimentar juntos a delicia da primeira noîte de nupcias, á hora mesmo em que o céu fôr ainda d'um transparente azul occidental, claro azul, doce e amoroso, assim como o proprio azul dos olhos d'outra mulher que me adora, e sendo loiro o horisonte, d'um flamengo loiro esmaecente egual tambem ao cabelo que lhe alinda em custosas primazias a existencia condensando dir-se-hia a normandeza lembrança d'uma vida loira do norte, hora á qual tudo que em torno fica, lento e lento fôr vestindo a sua toîlette de sombras. Nos jardins de prazer que circundarem então como que de uma inverosimil muralha de petalas idealmente brancas, a solarenga fidalguia do palacete, nas ruas em que, á maneira de qualquer furtivo viandante, eu seria apenas uma mancha porventura, na serra que fica ao alto e muito longe, e no mar que tranquilissimo adormece mui distante, uma quietitude morta talvez porque lembrará o silencio d'um immenso cemiterio, como que funebremente ha-de ir a desfolhar a nostalgica flôr do abandono. Certa silenciosa viuvez pois, linda assim como algum sublime entristecimento, em que naufragassem fragmentarios despojos d'uma remotissima beleza entresonhada, certa silenciosa viuvez em cuja incrivel concavidade habita o perlamento do orvalho formando as cidades maravilhosamente frias das lagrimas, ha-de ir a abafar d'um macio, precioso lucto, ainda salpicado de poente e de lilaz, a vida em torno. Uma nebulosidade portanto, alma insepulta da sombra aerivaga que impregna de recolhimento a hora morta, fundirá apoz o poentino instante da tardiva melodia do entardecer, as derradeiras oirescencias. E á medida que na minha lembrança se installar a nocturna saudade povoada de legendas de innumeraveis prazeres por esse momento vividos noutra edade, perfilando-se á minha imaginação todas as immortaes imagens do meu gosto, certa mão crepuscular aos preludios primeiros do repousado silencio da noite, como que espalhára por sobre nós, em toda a parte, a magnifica benção mortal do esquecimento.

Eis a hora pois, dolentemente milagrosa, côr de magua e de abandono, que eu desejo, glacial assim como a imprecisa reminiscencia d'um longinquo amor estrangulado de ciume, hora mais de que todas impossivel de conter porque se amplia e se desdobra em multiplicações de sombras de uma somba, fria hora cujo contacto egual ao de uma pallida

mão de virgem morta, nos faz crer que a noite é de marfim, hora em que por vezes o luar se engrinalda de bouquets de estrellas brancas sendo juncado de poemas o formilhamento do azul, milagrosa hora em que os meus olhos parecerão jamais ter existido, em que os mesmos cegos hão-de ver por sensações e em que na praia junto ás orchestras marinhas, só com o aplicar do ouvido eu devia talvez assistir ao divorcio lactescente das aguas e da espuma. Para melhor lhe experimentar a sensação maravilhante iremos fallar com a noite ao varandim, quando, sobre a juvenilidade lucida dos olhos, a coloração creme eburnea da carne é o trecho ideal pallido do sonho entre que nos errar numa serena melodia o anonymato da vida, vier a descer-nos a viuvez linda da sombra, emquanto em torno fôr cendrando, alma edenica, alada em olorancia volaz de quinta-essencia, o halito das rosas, amores perfeitos e flores de magnolia, que na incrivel musica de qualquer lingua vagabunda profiram o dialecto dos perfumes desdobrados travez as áleas viridentes de parkes e jardins.

Ah, mais que todos copioso de contactos á flor da vida enlangues cente, pelo trahir do prazer insidioso, como abrindo nas paisagens de alma anemica uma estação de conforto e rêverie, esses momentos que dirão infinitas coisas d'um odor de missa e de resina, como nelles desejarei mergulhar a existencia transformada no inedito fragmento amoroso d'um poema! Porque não deve talvez haver quem como eu para o amor ame a noite, num endireito polar magnificente, de frialdades normandezas, quando a cúpula é ampla de hialino em lazulite. Tenho uma profunda adoração pela silente ondulação cadaverosa da mortuaria, fluida crépe aerivaga que desce das alturas, quando nem sequér a pupilla amirrosea da manhã se adivinha a evanescer a sombra craionada. Certa saudade de innumeraveis desejos então, surprehendida á flor de fidalguissimos prazeres, leve d'ar ou seda nevoa, alma erradia d'algum cadaver de beijo enlanguescido, dir-se-hia somnambula de qualquer embevecimento de dolencias inextinctas, doce, vaga, e fria de homenagens, logo vem e breve pousa, saudade em que a nossa pupilla mergulha e dentro em que passeamos um platonismo lyrico de olhar, na ociosidade affectiva dos velhos vicios da côr. E' quando exhalada como pela bocca desdentada das montanhas, novo como do contacto d'uma sensitiva mão de virgem maguada, e todavia glacial de velhice, esse delicioso ar, fino de estirpe, coleando em fluido rhythmo um ideal de princeza, paira em torno e sobe e desce e sempre voga, especie de reminiscencia d'um longinquissimo suspiro que fluctuasse á face das coisas em traje de confidencia. Como por estremecimentos na carne, irradiando em tremulinas no corpo, com fluidos labios de pluma, em cuja macieza ora, ora em cuja quasi imperceptivel mordedura um fio de dente de volupia abre a elegia magnifica da sensação mais delicada, desejarei sentil-o beijar-me entregue á dependencia das fôrças naturaes, ao alto o velho céu fazendo cúpula á sombria paisagem da noite, e infinitos nadas rescendentes á ascendencia nobiliarchica das petalas, folhagens, caules e perfumes vogando em torno a mim.

Vaes deixar cahir então nos meus braços o teu lindo corpo de essencias, de cuja infinita graça transbordam dulcissimos perfumes, e á flor de cuja carne o desejo ha-de ir compondo um poema lactescente,

orvalhado de pollen de myrtos, de lagrimas de petalas, de sangue de rosas brancas e de músicas delicias em que erra numa serena melodia a alma de estranhos villancetes. Dissolveremos nesse lago de interminos amavios, minha bem amada de olhos muito doces, a langorosa magnificencia da affeição que ha tanto nos envolve em musselinas ligeiras d'um ridentissimo prazer. Como essa hora parecerá transportar-nos nas fluctuações d'um desejo alegremente vogante a certo paraiso de incommensuravel belleza onde possivel é sentir a alma vaporisar-se pelas florescencias da carne. Vou dar-te a minha longa mão em que a virilidade começa a distender nodosidades, rigida dos torneios de athleta em que os meus vinte annos são a inveja dos novos e a alegria dos velhos, forte e musculada, por que sintas com delicia o seu contacto d'amor beneficente. Um incendio ha-de-ir lavrando em torno, alluviões de lava em purpura irão a arrazar-te o corpo inteiramente, como se um Deus estranho abrisse vulcões no teu sangue. Cerrar-te-hei os olhos com os meus labios sellando-te as videntes pupillas ligeiras afim de que jamais venhas a conhecer outro que apoz de mim te chame ás magnificencias do amor. Levarei aos teus olhos os meus labios enrijecidos, collar-te-hei a bocca na face, fazendo-te depois dormir no balouçar dos meus braços. Pela primeira vez deixará de ser o nosso amor uma vaga renda de sonho, velando mui tenuemente a langorosa doçura d'esta eternal affeição. Vae o teu corpo conhecer a musculatura do meu braço e o teu peito fremir sob a pressão vigorosa do meu arcaboiço potente em que o sangue escandesce hilaridades, gargalhando em ruidos desconformes um triumpho de rapaz. Certo esse momento um simples carinho não basta a impulsar-te á realisação d'um deliroso prazer. Uma sêde mais forte de beijos te irá de logo trespassando, certa necessidade te ha-de ir a dominar pelo desejo hallucinado de pela primeira vez seres mulher. Vou estender-te pois a minha mão por que a sintas e possas premir bem na delicadeza contractil da tua, a fim de que o teu corpo ao meu se ligue por encadeamentos fluidos ou abraços que antes sejam um enrodilhar de musculaturas, contactos igneos de duas chammas na mesma labareda, e assim voguemos e erremos juntos, acaso impellidos de certa energia aeriforme que nos leve incertamente...

ALBINO DE MENEZES

GLADIO E ALÉM-DEUS

POEMAS DE

FERNANDO PESSOA

GLADIO

A Alberto Da Cunha Dias

Deu-me Deus o Seu Gladio, porque eu faça
A Sua sancta guerra.
Sagrou-me Seu em genio e em desgraça
A's horas em que um frio vento passa
Por sobre a fria terra.

Poz-me as mãos sobre os hombros e dourou-me
A fronte com o olhar:
E esta febre de Além, que me consome,
E este querer-justiça são Seu Nome
Dentro em mim a vibrar.

E eu vou, e a luz do Gladio erguido dá
Em minha face calma.
Cheio de Deus, não temo o que virá,
Pois, venha o que vier, nunca será
Maior do que a minha Alma !

Slhi

ALÉM-DEUS

I

ABYSMO

Olho o Tejo, e de tal arte
Que me esquece olhar olhando,
E subito isto me bate
De encontro ao devaneando —
O que é ser-rio, e correr?
O que é estal-o eu a ver?

Sinto de repente pouco,
Vacuo, o momento, o logar.
Tudo de repente é ôco —
Mesmo o meu estar a pensar.
Tudo — eu e o mundo em redór —
Fica mais que exterior.

Perde tudo o ser, ficar,
E do pensar se me some.
Fico sem poder ligar
Ser, idéa, alma de nome
A mim, á terra e aos céus...

E subito encontro Deus.

II

PASSOU

Passou, fóra de Quando,
De Porquê, e de Passando...,

Turbilhão de Ignorado,
Sem ter turbilhonado...,

Vasto por fóra do Vasto
Sem ser, que a si se assombra...

O universo é o seu rasto...
Deus é a sua sombra...

III

A VOZ DE DEUS

Brilha uma voz na noute...
De dentro de Fóra ouvi-a...
O' Universo, eu sou-te...
Oh, o horror da alegria
D'este pavor, do archote
Se apagar, que me guia!

Cinzas de idéa e de nome
Em mim, e a voz: *O' mundo,*
Sêrmente em ti eu sou-me...
Mero echo de mim, me innundo
De ondas de negro lume
Em que pra Deus me afundo.

IV

A QUEDA

Da minha idéa do mundo
Cahi...
Vacuo além de profundo,
Sem ter Eu nem Alli...

Vacuo sem si-proprio, chaos
De ser pensado como ser...
Escada absoluta sem degraus...
Visão que se não pode ver...

Além-Deus! Além-Deus! Negra calma...
Clarão de Desconhecido...
Tudo tem outro sentido, ó alma,
Mesmo o ter-um-sentido...

Slhi

V

BRAÇO SEM CORPO BRANDINDO UM GLADIO

Entre a arvore e o vel-a
Onde está o sonho?
Que arco da ponte mais vela
Deus?... E eu fico tristonho
Por não saber se a curva da ponte
É a curva do horisonte...

Entre o que vive e a vida
Pra que lado corre o rio?
Arvore de folhas vestida —
Entre isso e Arvore há fio?
Pombas voando — o pombal
Está-lhes sempre á direita, ou é real?

Deus é um grande Intervallo,
Mas entre quê e quê?...
Entre o que digo e o que calo
Existo? Quem é que me vê?
Erro-me... E o pombal elevado
Está em torno na pomba, ou de lado?

FERNANDO PESSOA

POR ESSE CREPUSCULO A MORTE DE UM FAUNO...

DE

AUGUSTO FERREIRA GOMES

Descripção de um frizo a malachite e oiro, encontrado nas ruinas da casa de Caius Syrus, em Pompeia.

Pelo ceo de turqueza havia muito que a faixa magenta do sol se levantara, quando, da orla do bosque de loureiros, que ao longe se espreguiçava, um grito partiu cortando o ar fresco d'aquella tarde lilaz. Lá ao fundo, para traz dos novellos escuros das serras, uma chuva de opalas e lyncurios jorrava scentelhas em gritos de rubro e de esplendor; era como um mar que ardesse, e sempre mais, n'uma ruiva apotheose como se ondas fossem d'esse mar, tudo illuminavam com a magia do seu brilho... Rezavam n'uma prece de sonho nuvens de alabastro, e somnambulas seguiam guiadas por um vento morno, que, vez em vez, erguia da planicie nuvens de oiro acendrado, e n'um vago perfume fazia ondular a agua silenciosa da lagôa azul, fazendo tremer a sombra verde-negra de dois cyprestes scismaticos e esguios...

Debil como um gemido de pallida enferma tocada pelo outomno, agora sentia-se longinqua e melodiosa uma flauta, e, tambem pelo ceo, n'um arranco, a cavalgada d'oiro galopou um instante... Gemia pelo abraço do vento, agora mais forte, o bosque imponente como um cyclope adormecido, e, novamente, agora mais perto, silvou estridente um grito da flauta, como n'um appêlo...

Rumorosamente, primeiro na distancia, depois mais perto, um gargalhar vibrante como o chocar de cristaes arrepiou aquelle logar ermo, e nymphas de mãos brancas e olhos de onyx, flexiveis como giestas surgiram dos loureiros. Embalsamava o ar um perfume pagão e as nymphas de mãos brancas e corpos côr de nardo pararam com o espanto velando-lhes o olhar, escutando silenciosas a flauta flebil agora moribunda, e, quando os ultimos sons se perderam ao longe, nos seus corpos coruscantes de luxuria um fremito passou... Um bando de aves doiradas voava sobre a lagôa e do alto de um cypreste um corvo sonhador, em gritos sinistros, evocava a treva...

Novamente o som longinquo da flauta mordeu o planalto, e, n'um chocar de curvas, as nymphas romperam n'um bailado de perfume em passos aereos de camelia em flôr... Depois, mais uma vez, a flauta cessou... Agora, junto da lagoa, as romanzeiras abriam os seus pômos, e d'esses fructos d'oiro cahia uma chuva de rubis... E soffregas, as nymphas sequiosas abriam os rubros labios e deixavam que os bagos n'elles entrassem como gottas de sangue... Algumas bagas cahiam nos seus peitos, e — allegoria magestosa — confundiam-se com os rigidos bicos d'esses seios perfeitos como os limões do Libano... Uma romã tombou, e, rolando, foi qual o pomo que venceu Atalanta até cahir na agua perfumada da lagôa, e duas nymphas correndo fôram mergulhar os corpos de ambar n'aquella agua azulada de mysterio, quando, outra

vez, silvou ousada a flauta na floresta, e então todas — bando de cotovias alvas — correram para ella.

Agora a flauta perfumava o campo com a magua crescente d'uma canção pagã, bordada de Tragedia, riscando como um punhal os ouvidos d'aquellas que corriam. E á uma, ansiosas, lubricas, as nymphas perguntavam:

— Quem será?... Será bello?...

E todas — corpos emmaranhados na corrida — seguiam de seios oscillantes e olhos de saphira lapidada...

— Olhae, é o velho fauno — disse a mais linda e a que á frente ia... — Pobre fauno, é a demencia da Dôr que tão triste assim o faz...

O fauno olhou a nympha e nos seus olhos de topazio, n'um relampago, perpassou toda a tragedia d'aquella alma apunhalada... Lembrou-se do passado... Reviu as tardes de oiro em que as perseguia... Recordou-se do acre perfume dos seus leitos de fêno e de papoilas... Sorveu o halito d'aquellas que possuira... Um halito morno, halito de quem mastiga violetas... E nos olhos de topazio do velho fauno um diamante brotou... Depois, sereno — olhar impenetravel — pegou na flauta, e, mais maguada que nunca, uma canção surgiu... E as nymphas, de mãos dadas, em cadeia de jaspe balançaram os corpos no compasso vago, morbido, d'esse baile de morte...

A tarde magoada pelo vento ia seguir para longe, e as nymphas bailando davam a impressão de estatuas sahidas dos macissos n'uma allegoria melancholica ao tombar da sombra... E sempre, sempre iam bailando...

Lá longe, para traz do planalto e do bosque de loureiros, um combate de gladios de oiro surgiu, e alfim o vencido, em borbotões sanguineos, tombou exangue n'um leito de anthracites e rubis...

Tambem o fauno pendera a velha fronte... Fugira com o sol a sua alma de Tragedia... E as nymphas ainda bailavam...

Os ultimos tons de sangue do vencido, coando-se pelos loureiros, aureolavam a cabeça do velho fauno morto e punham baixos-relevos de madreperola nos corpos nús das nymphas que illuminavam a clareira...

Um ultimo soluço e vencera a Treva... Do alto do cypreste o corvo fatidico saudou-a...

As nymphas ainda bailavam...

Bandos de insectos luminosos veem coroar-lhes os cabellos soltos, e ellas sempre, sempre bailando em volta do velho fauno...

.....

.....

.....

A lua errava doida pelo Parque da Noite...

Herdade da Irinha, Odemira
Outubro de 1916.

AUGUSTO FERREIRA GOMES

A SCENA DO ODIO

DE

JOSÉ DE ALMADA-NEGREIROS

POETA SENSACIONISTA

E

NARCISO DO EGYPTO

A Alvaro de Campos
a
dedicação intensa
de
todos os meus avatares.

Ergo-Me Pederasta apupado d'imbecis,
divinizo-Me Meretriz, ex-libris do Peccado,
e odeio tudo o que não Me é por Me rirem o Eu!
Satanizo-Me Tara na Vara de Moysés!
O castigo das serpentes é-Me riso nos dentes,
Inferno a arder o Meu cantar!
Sou Vermelho-Niagára dos sexos escancarados nos chicotes dos cossacos!
Sou Pan-Demonio-Trifauce enfermiço de Gula!
Sou Genio de Zarathustra em Taças de Maré-Alta!
Sou Raiva de Medusa e Damnação do Sol!

Ladram-Me a Vida por vivê-La
e só me deram Uma!
Hão-de lati-La por sina!
agora quero vivê-La!
Hei-de Poeta cantá-La em Gala sonora e dina!
Hei-de Gloria desannuviá-la!
Hei-de Guindaste içá-la Esfinge
da Valla pedestre onde Me querem rir!
Hei-de trovão-clarim levá-La Luz
ás Almas-Noites do Jardim das Lagrymas!
Hei-de bombo rufá-La pompa de Pompeia
nos Funeraes de Mim!
Hei-de Alfange-Mahoma
cantar Sodoma na Voz de Nero!
Hei-de ser Fuas sem Virgem do Milagre,
hei-de ser galope opiado e doido, opiado e doido...,
hei-de Attila, hei-de Nero, hei-de Eu,
cantar Attila, cantar Nero, cantar Eu!

Sou Narciso do Meu Odio!
— O Meu Odio é Lanterna de Diogenes,
é cegueira de Diogenes,
é cegueira da Lanterna!

(O Meu Odio tem thronos de Herodes,
hysterismos de Cleopatra, perversões de Catharina !)
O Meu Odio é Diluvio Universal sem Arcas de Noé: só Diluvio Universal,
e mais universal ainda :
sempre a crescer, sempre a subir...,
até apagar o Sol !

Sou throno de Abandono, mal-fadado,
nas iras dos barbaros, meus Avós.
Oiço ainda da Berlinda d'Eu ser sina
gemidos vencidos de fracos,
ruidos famintos de saque,
ais distantes de Maldição eterna em Voz antiga !
Sou ruinas razas, innocentes
como as azas de rapinas afogadas.
Sou reliquias de martyres impotentes
sequestradas em antros do Vicio.
Sou clausura de Sancta professa,
Mãe exilada do Mal,
Hostia d'Angustia no Claustro,
freira demente e donzella,
virtude sosinha da cella
em penitencia do sexo !
Sou rasto espesinhado d'Invasores
que cruzaram o meu sangue, desvirgando-o.
Sou a Raiva atavica dos Tavoras,
o sangue bastardo de Nero,
o odio do ultimo instante
do condemnado innocente !
A podenga do Limbo mordeu raivosa
as pernas nuas da minh'Alma sem baptismo...,
Ah ! que eu sinto, claramente, que nasci
de uma praga de ciumes !
Eu sou as sete pragas sobre o Nylo
e a Alma dos Borgias a penar !

Tu, que te dizes Homem !
Tu, que te alfaiátas em modas
e fazes cartazes dos fatos que vestes
p'ra que se não vejam as nodoas de baixo !
Tu, qu'inventaste as Sciencias e as Philosophias,
as Politicas, as Artes e as Leis,
e outros quebra-cabeças de sala
e outros dramas de grande espectaculo...
Tu, que aperfeiçoas a arte de matar...
Tu que descobriste o cabo da Boa-Esperança
e o Caminho-Maritimo da India
e as duas Grandes Americas.
e que levaste a chatice a estas terras.

e que trouxeste de lá mais Chatos pr'aqui
e qu'inda por cima cantaste estes Feitos...
Tu, qu'inventaste a chatice e o balão,
e que farto de te chateares no chão
te foste chatear no ar,
e qu'inda foste inventar submarinos
p'ra te chateares tambem por debaixo d'agua...
Tu, que tens a mania das Invenções e das Descobertas
e que nunca descobriste que eras bruto,
e que nunca inventaste a maneira de o não seres...
Tu consegues ser cada vez mais bêsta
e a este progresso chamas Civilização!

Vae vivendo a bestialidade na Noite dos meus olhos,
vae inchando a tua ambição-toiro
'té que a barriga te rebente rã.
Serei Victoria um dia
— Hegemonia de Mim!
e tu nem derrota, nem morto, nem nada.
O Seculo-dos-Seculos virá um dia
e a burguezia será escravatura
se fôr capaz de sahir de cavalgadura!

Hei-de, entretanto, gastar a garganta
a insultar-te, ó bêsta!
Hei-de morder-te a ponta do rabo
e pôr-te as mãos no chão, no seu lugar!
Ahi! Saltimbanco-bando de bandoleiros nefastos!
Quadrilheiros contrabandistas da Imbecillidade!
Ahi! Espelho-aleijão do Sentimento,
macaco-intruja do Alma-realejo!
Ahi! maquerelle da Ignorancia!
Silenceur do Genio-Tempestade!
Spleen da Indigestão!
Ahi! meia-tijella, travão das Ascensões!
Ahi! povo judeu dos Christos mais que Christo!
O' burguezia! ó ideal com i pequeno!
O' ideal ricócó dos Mendes e Possidonios!
O' cofre d'indigentes
cuja personalidade é a moral de todos!
O' geral da mediocridade!
O' claque ignobil do vulgar, protagonista do normal!
O' catitismo das lindezas d'estalo!
Ahi! lucro do facil,
cartilha-cabotina dos limitados, dos restringidos!
Ahi! dique-impecilho do Canal da Luz!
O' coito d'impotentes
a corar ao sol no riacho da Estupidez!
Ahi! Zero-barometro da Convicção!

bitola dos chega, dos basta, dos não quero mais!
Ahi! plebeismo artistocratisado no preço do panamá!
erudição de calça de xadrez!
competencia de relogio d'oiro
e corrente com suores do Brazil,
e berloques de cornos de buffalo!

E eu vivo aqui desterrado e Job
da Vida-gemea d'Eu ser feliz!
E eu vivo aqui sepultado vivo
na Verdade de nunca ser Eu!
Sou apenas o Mendigo de Mim-Proprio,
orphão da Virgem do meu sentir.
E como queres que eu faça fortuna
se Deus, por escarneo, me deu intelligencia,
e não tenho, sequer, irmãs bonitas
nem uma mãe que se venda para mim?
(Pezam kilos no Meu querer
as salas-de-espera de Mim.
Tu chegas sempre primeiro...
Eu volto sempre amanhã...
Agora vou esperar que morras.
Mas tu és tantos que não morres...
Vou deixar d'esp'rar que morras
— Vou deixar d'esp'rar por mim!)
Ah! que eu sinto, claramente, que nasci
de uma praga de ciumes!
Eu sou as sete pragas sobre o Nylo
e a alma dos Borgias a penar!

E tu, tambem, vieille-roche, castello medieval
fechado por dentro das tuas ruinas!
Fiel epitaphio das chronicas aduladoras!
E tu tambem, ó sangue azul antigo
que já nasceste co'a biographia feita!
O' pagem loiro das cortezias-avozinhas!
O' pergaminho amarello-mumia
das grandes galas brancas das paradas
e das victorias dos torneios-loterias
com donzellas-glorias!
O' resto de sceptros, fumo de cinzas!
O' lavas frias do vulcão pyrotechnico
com chuvas d'oiros e cabeleiras prateadas!
O' estilhaços heraldicos de vitraes
despegados lentamente sobre o tanque do silencio!
O' cedro secular
debruçado no muro da Quinta sobre a estrada
a estorvar o caminho da Mala-posta!

E vós tambem, ó gentes de Pensamento,
ó Personalidades, ó Homens!
Artistas de todas as partes, christãos sem patria,
Christos vencidos por serem só Um!
E vós, ó Genios da Expressão,
e vós tambem, ó Genios sem Voz!
O' alem-infinito sem regressos, sem nostalgias,
Espectadores gratuitos do Drama-Immenso de Vós-Mesmos!
Prophetas clandestinos
do Naufragio de Vossos Destinos!

E vós tambem, theoricos-irmãos-gemeos
do meu sentir internacional!
O' escravos da Independencia!
Vós que não tendes premios
por se ter passado a vez de os ganhardes,
e famintos e covardes
entreteis a fome em revoltas do Mau-Genio
na bohemia de bomba e da polvora!

E tu tambem, ó Belleza Canalha
co'a sensibilidade manchada de vinho!
O' lyrio bravo da Floresta-Ardida
á meia-porta da tua Miseria!
O' Fado da Má-Sina
com illustrações a giz
e letra da Maldição!
O' féra vadia das viellas açaimada na Lei!
O' chale e lenço a resguardar a tysica!
O' franzinas do fanico
c'o a syphilis ao collo por essas esquinas!
O' nu d'aluguer
na meia-luz dos cortinados corridos!
O' oratorio da meretriz a mendigar gorgetas
p'r'á sua Senhora da Boa-Sorte!
O' gentes tatuadas do calão!
O' carro vendado da Penitenciaria!

E tu tambem, ó Humilde, ó Simples!
enjaulados na vossa ignorancia!
O' pé descalço a callejar o cerebro!
O' musculos da saude de ter fechada a casa de pensar!
O' alguidar de assorda fria
na ceia-fadiga da dôr-candeia!
O' esteiras duras p'ra dormir e fazer filhos!
O' carretas da Voz do Operario
com gente de preto a pé e philarmonica atraz!
O' campas razas engrinaldadas,

Slhi

com chapões de ferro e balões de vidro!
O' bota rôta de mendigo abandonada no pó do caminho!
O' metamorphose-selvagem das feras da cidade!
O' geração de bons ladrões crucificados da Estupidez!

O' sanfona-saloia do fandango dos campinos!
O' pampilho das Lezirias innundadas de Cidade!

O' trouxa d'aba larga da minha lavadeira,
ó rodopio azul da saia azul de Loures!

E vós varinas que sabeis a sal
e que trazeis o Mar no vosso avental,
as Naus da Phenicia ainda não voltaram?!
E vós tambem, ó môças da Provincia
que trazeis o verde dos campos
no vermelho das faces pintadas!

E tu tambem, ó mau gosto
co'a saia de baixo a vêr-se
e a falta d'educação!
O' oiro de pechisbeque (esperteza dos ciganos)
a luzir no Vermelho verdadeiro da blusa de chita!
O' tedio do domingo com botas novas
e musica n'Avenida!
O' sancta Virgindade
a garantir a falta de lindeza!
O' bilhete postal illustrado
com apparições de beijos ao lado!

E vós ó gentes que tendes patrões,
autómatos do dono a funccionar barato!
O' creadas novas chegadas de fóra p'ra todo o serviço!
O' costureiras mirradas,
emmaranhadas na vossa dôr!
O' reles caixeiros, pederastas do balcão,
a quem o patrão exige modos lisongeiros
e maneiras agradaveis p'r'ós freguezes!
O' Arsenal-fadista de ganga azul e côco socialista!
O' sahidas pôr-do-sol das Fabricas d'Agonia!
E vós tamhem, ó toda a gente,
que todos tendes patrões!

E vós tambem, nojentos da Politica
que exploraes eleitos o Patriotismo!
Maquereaux da Patria que vos pariu ingenuos
e vos amortalha infames!

E vôs tambem, pindericos jornalistas
que fazeis cocegas e outras coisas
á opinião publica!

E tu tambem roberto fardado:
Futrica-te espantalho engalonado,
apeia-te das patas de barro,
larga a espada de matar
e põe o penacho no rabo!
Ralha-te mercenario, asceta da Crueldade!
Espuma-te no chumbo da tua valentia!
Agoniza-te Rilhafolles armado!
Desuniversidadiza-te da doutorança da chacina,
da sciencia da matança!
Groom fardado da Nêgra,
pária da Velha!
Encaveira-te nas espóras luzidias de sêres fera!
Despe-te da farda,
desenfia-te da Impostura, e põe-te nu, ao léu
que ficas desempregado!
Acouraça-te de senso,
vomita de vez o morticinio,
enche o pote de raciocinio,
aprende a lêr corações,
que ha muito mais que fazer
do que fazer revoluções!
Ruina com tuas proprias peças-colossos
as tuas proprias peças colossaes,
que de 42 a 1 é meio-caminho andado!
Rebusca no seres selvagem,
no teu cofre do exterminio
o teu calibre maximo!
Põe de parte a guilhotina,
dá ferias ao garrote!
Não dês lingua aos teus canhões,
nem echos ás pistolas.
nem vozes ás espingardas!
—São coisas fóra da moda!
Põe-te a fazer uma bomba
que seja uma bomba tamanha
que tenha dez raios da Terra.
Põe-lhe dentro a Europa inteira,
os dois polos e as Americas,
a Palestina, a Grecia, o mappa
e, por favôr, Portugal!
Acaba de vez com este planeta,
faze-te Deus do Mundo em dar-lhe fim!
(Ha tanta coisa que fazer, Meu Deus!
e esta gente distrahida em guerras!)

Slhi

Eu creio na transmigração das almas
por isto de Eu viver aqui em Portugal.
Mas eu não me lembra do mal que fiz
durante o Meu avatar de burguez.
Oh! se eu soubesse que o Inferno
não era como os padres m'o diziam —
uma fornalha de nunca se morrer —,
mas sim um Jardim da Europa
á beira-mar plantado. . .
eu teria tido certamente mais juizo,
teria sido até o martyr São Sebastião!
E inda ha quem faça propaganda d'isto:
a patria onde Camões morreu de fome
e onde todos enchem a barriga de Camões!
Se ao menos isto tudo se passasse
numa Terra de mulheres bonitas!
Mas as mulheres portuguezas
são a minha impotencia!

E tu, meu rotundo e pançudo-sanguessugo,
meu desacreditado burguez apinócado
da rua dos bacalhoeiros do meu odio
co'a Felicidade em casa a servir aos dias!
Tu tens em teu favôr a gloria facil
igual á de outros tantos teus pedaços
que andam desajunctados neste Mundo,
desde a invenção do mau cheíro,
a estorvar o asseio geral.
Quanto mais penso em ti, mais tenho Fé e creio
que Deus perdeu de vista o Adão de Barro
e com pena fez outro de bósta de boi
por lhe faltar o barro e a inspiração!
E emquanto este Adão dormia
os ratos roeram-lhe os miólos.
e das caganitas nasceu a Eva burgueza!

Tu arreganhas os dentes quando te fallam d'*Orpheu*
e pões-te a rir, como os pretos, sem saber porquê.
E chamas-me doido a Mim
que sei e sinto o que Eu escrevi!
Tu que dizes que não percebes;
rir-te-has de não perceberes?

Olha Hugo! Olha Zola, Cervantes e Camões,
e outros que não são nada por te cantarem a ti!
Olha Nietzsche! Wilde! Olha Rimbaud e Dowson!
Cesario, Anthero e outros tantos mundos!
Beethoven, Wagner e outros tantos genios
que não fizeram nada,

Slhi

que deixaram este mundo tal qual!
Olha os grandes o que são estragados por ti!
O teu maximo é ser besta e ter bigodes.
A questão é estar installado.
Se te livras de burguez e sobes a talento, a genio,
a sêres alguem,
o Bem que tu fizeres é um decimo de sêres féra!
E de que serve o livro e a sciencia
se a experiencia da vida
é que faz comprehender a sciencia e o livro?
Antes não ter sciencias!
Antes não ter livros!
Antes não ter Vida!

Eu queria cuspir-te a cara e os bigodes,
quando te vejo apalermado p'las esquinas
a dizeres piadas ás meninas,
e a gostares das mulheres que não prestam
e a fazer-lhes a côrte
e a apalpar-lhes o rabo,
esse tão cantado belo cú
que creio ser melhor o teu ideal
que a propria mulher do cú grande!
E casaste-te com El!a,
porque o teu ideal vem pegado a Ella,
e agora á brocha limpas a calva em pinga
á cóca de cunhas p'r'ó Cunha examinador
do teu decimo nono filho
dezenove vezes parvo!
(E' o caso mais exemplar de constancia e fidelidade
a tua historia sexual co'a Felisberta,
desde o teu primogenito tanso
'té ao decimo nono idiota.)
'Té no matrimonio te maldigo, infame cobridor!
Especie de verme das lamas dos pantanos
que, de tanto se encharcar em gósos,
o seu corpo se atrofiou
e o sexo elephantisado foi todo o seu corpo!

Em toda a parte tu és o admirador
e em toda a parte a tua ignorancia
tem a cumplicidade da incompetencia
dos que te fallam 'té dos logares sagrados.
Sim! eu sei que tu és juiz
e qu'inda hontem prometteste á tua amante,
despedindo-a n'um beijo de impotente,
a condemnação dos réus que tivesses
se Ella faltasse á matinée da Boa-Hora!
Pulha! E és tu que do pulpito

d'essa barriga d'Agua da Curia
dás a ensinança de trote
aos teus dezenove filhos?!
Cocheiros, contae: dezenove!!!

Zutt! bruto-parvo-nada
que Me roubaste tudo:
'té Me roubaste a Vida
e não Me deixaste nada!
nem Me deixaste a Morte!
Zutt! poeira-pingo-microbio
que gemes pequenissimo gemidos gigantes,
gravido de uma dor propheta colossal!
Zutt! elefante-berloque parasita do não presta!
Zutt! bugiganga-celluloide-bagatella!
Zutt! bêsta!
Zutt! bácoro!!
Zutt!

Em toda a parte o teu papel é admirar,
mas (caso inf'liz)
nunca acertas numa admiração feliz.
Lês os jornaes e admiras tudo do principio ao fim
e se por desgraça vem um dia sem jornaes,
tens de ficar em casa nos chinellos
porque nesse dia, felizmente,
Não tens opinião p'ra levares á rua.
Mas nos outros dias lá estas a discutir.
E' que a Natureza é compensadora:
quem não tem dinheiro pr'a ir ao Colyseu
deve ter cá fóra razões pr'a se rir.
Só te oiço dizeres dos outros
a inveja de seres como elles.
Nem ao menos, pobre fadista,
a velleidade de sêres mais bruto?
Até os teus desejos são avaros
como as tuas unhas sujas e ratadas.
O' meu gordo pelintrão,
agua-morna suja, brôa do outro v'rão!
Os homens são na proporção dos seus desejos
e é por isso que eu tenho a concepção do Infinito...
Não te córa ser grande o teu avô
e tu apenas o seu neto, e tu apenas o seu sperma?
Não t dóe Adão mais que tu?
Não te envergonha o teres antes de ti
outros muito maiores que tu?
Jamais eu quereria vir a ser um dia
o que o maior de todos já o tivesse sido.
Eu quero sempre muito mais

e mais ainda muito p'r'além-demais-Infinito...
Tu não sabes, meu bruto, que nós vivemos tão pouco
que ficamos sempre a meio-caminho do Desejo?

Em toda a parte o bicho se propága,
em toda a parte o nada tem estalagem.
O meu supplicio não é sómente de sêres meu patricio
ou o de vêr-te meu semelhante:
tu, mesmo estrangeiro, és bêsta bastante.
Foi assim que te encontrei na Russia
como vegetas aqui e por toda a parte,
e em todos os officios
e em todas as idades.
Lá supportei-te muito! Lá fallavas russo
e eu só sabia o francez.
Mas na França, em Paris — a Grande capital,
apesar de fortificada,
foi assolada por esta especie animal.
E andam p'los cafés como as pessôas
e vestem-se na moda como ellas,
e de tal maneira domesticos
que até vão ás mulheres
e até vão aos domesticos.
Felizmente que na minha patria,
a minha verdadeira mãe, a minha sancta Irlanda,
apenas vivi uns annos d'Infancia,
apenas me acodem longinquamente
as festas ensuoradas do priest da minha aldeia,
apenas resuscitam sumidamente
as asfixias da tysica-mater,
apenas sôam como revoltas
as pistolas do suicidio de meu pae,
apenas sinto infantil
no leito de uma morta
o gelo de umas unhas verdes,
um frio que não é do Norte,
um beijo grande como a vida de um tysico a morrer.
O' Deus! Tu que m'os levaste é que sabias
o Odio que eu lhes teria
se não tivessem ficado por alli!
Mas antes, mil vezes antes,
aturar os burguezes da My Ireland
que estes d'esta Terra
que parece a patria d'elles!
O' Horror! os burguezes de Portugal
teem de peor que os outros
o sêrem portuguezes!

A Terra vive desde que um dia
deixou de ser bola do ar
p'ra ser solar de burguezes.
Houve homens de talento, genios e imperadores.
Precisaram-se de dictadores,
que fôram sempre os maiores.
Cançou-se o mundo a estudar
e os sabios morreram velhos
fartos de procurar remedios,
e nunca acharam o remedio de parar.
E inda hoje eu vivo no seculo XX
a vêr desfilar burguezes
trezentas e sessenta e cinco vezes ao anno,
e a saber que um dia
são vinte e quatro horas de chatice
e cada hora sessenta minutos de tedio
e cada minuto sessenta segundos de spleen!
Ora bólas para os sabios e pensadores!
Ora bólas p'ra todas as epochas e todas as idades!
Bólas p'r'ós homens de todos os tempos,
e p'r'á intrujice da Civilização e da Cultura!

Eu invejo-te a ti, ó coisa que não tens olhos de vêr!
Eu queria como tu sentir a belleza de um almoço pontual
e a f'licidade de um jantar cedinho
co'as bêstas da familia.
Eu queria gostar das revistas e das coisas que não prestam
porque são muitas mais que as bôas
e enche-se o tempo mais!
Eu queria, como tu, sentir o bem-estar
que te dá a bestialidade!
Eu queria, como tu, viver enganado da vida e da mulher,
e sem o prazer de seres intelligente pessoalmente!
Eu queria, como tu, não saber que os outros não valem nada
p'ra os poder admirar como tu!
Eu queria que a vida fôsse tão divinal
como tu a suppões, como tu a vives!
Eu invejo-te, ó pedaço de cortiça
a boiar á tôna d'agua, á mercê dos ventos,
sem nunca saber que fundo que é o Mar!

Olha para ti!
Se te não vês, concentra-te, procura-te!
Encontrarás primeiro o alfinete
que espetaste na dobra do casaco,
e depois não percas o sitio,
porque estás decerto ao pé do alfinete.
Espeta-te nelle p'ra não te perderes de novo,
e agora observa-te!

Slhi

Não te escarneças! Accomoda-te em sentido!
Não te odeies ainda qu'inda agora começaste!
Enjôa-te no teu nojo, mastodonte!
Indigesta-te na palha d'essa tua civilização!
Desbezunta-se d'essa vermencia!
Destapa a tua decencia, o teu immoral pudor!
Albarda-te em senso! estriba-te em Ser!
Limpa-te do cancro amarelo e pôdre
Do lazareto de sêres burro!
Desatrella-te do cerebro-carroça!
Desata o nó-cego da vista!
Desillustra-te, descultiva-te, despolle-te,
que mais vale ser animal que bêsta!
Deixa antes crescer os córnos que outros adornos da civilização
Queria-te antes anthropophago porque comias os teus:
— talvez o mundo fôsse mundo
e não a retrete que é!
Ahi! excremento do Mal, avergonha-te
no infinitamente pequeno de ti com o teu papagaio:
Elle fala como tu e diz coisas que tu dizes
e se não sabe mais é por tua culpa, meu mandrião!
E tu, se não fossem os teus paes,
davas guinchos, meu saguim!
— Tu és o papagaio de teus paes!
Mas ha mais, muito mais
que a tua ignorancia-myopia te cega.
Empresto-te a minha Intelligencia.
Toma!
Vê agora e não desmaies ainda!
Então eu não tinha razão?
P'ra que me chamavas doido
quando eu m'enjoava de ti?
Ah! já tens mêdo?
Porque te rias da vida
e ias ensuórar as vrilhas nos fauteuils das revistas
co'as pernas fogo de vistas
das coristas de petroleo?
Porque davas palmas aos compéres e actorecos
pelintras e fantoches
antes do palco, no palco e depois do palco?
Ora dize-Me com franqueza:
Era por elles terem piada?
Então era por a não terem?
Ah! era p'ra tu teres piada, meu bruto?!
Porque mandaste de castigo os teu filhos p'r'ás Bellas Artes
quando ficaram mal na instrucção primaria?
Porque é que dizes a toda a gente que o teu filho idiota
estuda p'ra poeta?
Porque te casaste com a tua mulher
se dormes mais vezes co'a tua creada?

Slhi

Porque bateste no teu filho quando a mestra
te contou as indecencias na aula?
Não te lembras das que tu fizeste
com a propria mestra de moral?
Ou queres tu ser decente —
tu, que tens dezenove filhos?
Porque choraste tanto quando te deshonraram a filha?
Porque lhe quizeste matar o amante?
Não achas isto natural? não achas isto interessante?
Porque não choraste tambem pelo amante?...
Deixa! deixa! eu não te quero morto com mêdo de ti-proprio!
Eu quero-te vivo, muito vivo, a soffrer!
Não te despetes do alfinete!
Eu abro a janella p'ra não cheirar mal!

Galopa a tua bestialidade
na memoria que eu faço dos teus coices,
cavalga o teu insectissismo na tua sella de D. Duarte!
Arreia-te de Bom-Senso um segundo! peço-te de joelhos.
Encabresta-te de Humanidade
e eu passo-te uma zoologia para as mãos
p'ra te inscreveres na divisão dos Mammiferos.
Mas anda primeiro ao Jardim Zoologico!
Vem ver os chimpanzés!
Acorpanzila-te nelles se te ouzas?
Sagra-te de cú-azul a vêr se elles te querem!
Lá porque aprendeste a andar de mãos no ar
não quer dizer que sejas mais chimpanzé que elles!

Larga a cidade masturbadora, febril,
rabo decepado de lagartixa,
labyrintho cego de toupeiras,
raça de ignobeis myopes, tysicos, tarados,
anemicos, cancerosos e arseniados!
Larga a cidade!
Larga a infamia das ruas e dos boulevards,
esse vae-vem cynico de bandidos mudos,
esse mexer esponjoso de carne viva,
esse sêr-lêsma nojento e macabro,
esse S zig-zag de chicote auto-fustigante,
esse ar expirado e espiritista,
esse Inferno de Dante por cantar,
esse ruido de sol prostituido, impotente e velho,
esse silencio pneumonico
de lua enxovalhada sem vir a lavadeira!
Larga a cidade e foge!
Larga a cidade!
Vence as luctas da familia na victoria de a deixar.
Larga a casa, foge d'eila, larga tudo!

Nem te prendas com lagrymas que lagrymas são cadeias!
Larga a casa e verás — vae-se-te o Pesadêlo!
A familia é lastro: deita-a fóra e vaes ao céu!
Mas larga tudo primeiro, ouviste?
Larga tudo!
— Os outros, os sentimentos, os instinctos,
e larga-te a ti tambem, a ti principalmente!
Larga tudo e vae para o campo
e larga o campo tambem, larga tudo!
— Põe-te a nascer outra vez!
Não queiras ter pae nem mãe,
não queiras ter outros nem Intelligencia!
A Intelligencia é o meu cancro:
eu sinto-A na cabeça com falta d'ar!
A Intelligencia é a febre da Humanidade
e ninguem a sabe regular!
E já ha Intelligencia a mais: pode parar por aqui!
Depois põe-te a viver sem cabeça,
vê só o que os olhos virem,
cheira os cheiros da Terra,
come o que a Terra dér,
bebe dos rios e dos mares,
— põe-te na Natureza!
Ouve a Terra, escuta-A.
A Natureza á vontade só sabe rir e cantar!
Depois põe-te á cóca dos que nascem,
e não os deixes nascer.
Vae depois p'la noite nas sombras
e rouba a toda a gente a Intelligencia
e raspa-lhes bem a cabeça por dentro
co'as tuas unhas e cacos de garrafas,
bem raspado, sem deixar nada,
e vae depois depressa muito depressa,
sem que o sol te veja,
deitar tudo no mar onde haja tubarões!
Larga tudo e a ti tambem!

Mas tu nem vives nem deixas viver os mais,
Crápula do Egoismo, cartola d'espanta-pardaes!
Mas has-de pagar-Me a febre-rodopio
novêllo emaranhado da minha dôr!
Mas has-de pagar-Me a febre-calafrio
abysmo-descida de Eu não querer descer!
Has-de pagar-Me o Absyntho e a Morfina!
Hei-de ser cigana da tua sina!
Hei-de ser a bruxa do teu remorso!
Hei-de desforra-dôr cantar-te a buena-dicha
em aguas-fortes de Goya
e no cavallo de Troya
e nos poemas de Poe!

Hei-de feiticeira a gallope na vassoira
largar-te os meus lagartos e a Peçônha!
Hei-de vara magica encantar-te arte de ganir!
Hei-de reconstruir em ti a escravatura nêgra!
Hei-de despir-te a pelle a pouco e pouco
e depois na carne viva deitar fel,
e depois na carne viva semear vidros,
Semear gumes,
lumes,
e tiros
Hei-de gosar em ti as póses diabolicas
dos theatraes venenos tragicos da persa Zoroastro!
Hei-de rasgar-te as vrilhas com forquilhas e croques,
e desfraldar-te nas canelas mirradas
o nêgro pendão dos piratas!
Hei-de corvo marinho beber-te os olhos vêsgos!
Hei-de boia do Destino ser em braza
e tu naufrago das galés sem horizontes verdes!
E mais do que isto ainda, muito mais:
Hei-de ser a mulher que tu gostes,
hei-de ser Ella sem te dar attenção!

Ah! que eu sinto claramente que nasci
de uma praga de ciumes.
Eu sou as sete pragas sobre o Nyio
e a Alma dos Borgias a penar!

Com a data de 14 de Maio de 1915

José de Almada-Negreiros

OLHOS

POR

D. THOMAZ DE ALMEIDA

Para Augusto Ferreira Gomes

Slhi

OLHOS

Teus braços cysne immaterial
No lago dos teus olhos

Luar extasi pallido de opala
Luar alma de lua

Na tepida brandura dos coxins-minh'alma
Na meia-luz-aroma do jardim-meu-sonho
Via os teus braços fluidos
Os teus braços columnas da minh'alma
Brilhavam docemente pallidamente brancamente
Noss.ª Senhora do Branco

Mas mais profundamente eu era illuminado
Pelo azul claro verde-claro verde-azul-claro
Irreal olhar do olhar dos teus olhos

Oh! os teus olhos! OH! OS TEUS OLHOS!
Eu era aureolado p'lo teu olhar suave
Na meia-luz-aroma do jardim-meu-sonho

Tão intangiveis de branco teus braços-luar
Alma pallida de lua de opala
E meus sentidos exgottados
A Primavera dos teus braços

Mysterio de teus olhos!

Meus olhos
Eram aromas inexistentes
Dos lirios supremos dos teus braços
Columnas da minh'alma

E a meia-luz era listrada por teu olhar
Olhar suave de teus olhos suaves

A noite que descia — Aurora nos teus olhos —
Illuminava-se d'Aurora de teus olhos

E a minh'alma como um crescente de sonho
Era a estrella inexgottavel da Annunciação

Meus pensamentos os Reis Magos!

Elles iam elles iam guiados p'lo teu olhar minh'alma
Pelo deserto do meu soffrimento
Ajoelhar-se em frente do presepio dos teus braços
E adorar o Christo da tua Alma
Jesus-Christo do Branco!

Eu era a fulva Magdalena do peccado
Adeus ó Magdalena do peccado

Eu sou a santa convertida

Oh! Teus olhos milagrosos
Rabbi de teus olhos
Senhor-Jesus-Christo de teus olhos

OH! OS TEUS OLHOS!

Lisboa, 6-VIII-1915

D. Thomaz de Almeida

PARA ALEM DOUTRO OCEANO

NOTAS DE

C. PACHECO

A' memoria de
ALBERTO CAEIRO

SIhi

Num sentimento de febre de ser para alem doutro oceano
Houve posições dum viver mais claro e mais limpido
E aparencias duma cidade de seres
Não irreais mas lividos de impossibilidade, consagrados em purêsa e em nudez
Fui portico desta visão irrita e os sentimentos eram só o desejo de os ter

A noção das coisas fóra de si, tinha-as cada um adentro
Todos viviam na vida dos restantes
E a maneira de sentir estava no modo de se viver
Mas a forma daqueles rostos tinha a placidez do orvalho
A nudez era um silencio de formas sem modo de ser
E houve pasmos de toda a realidade ser só isto
Mas a vida era a vida e só era a vida

O meu pensamento muitas vêses trabalha silenciosamente
Com a mesma doçura duma maquina untada que se move sem fazer barulho

Sinto-me bem quando ela assim vae e ponho-me imovel
Para não desmanchar o equilibrio que me faz te-lo desse modo
Pressinto que é nesses momentos que o meu pensamento é claro
Mas eu não o oiço e silencioso ele trabalha sempre de mansinho
Como uma maquina untada movida por uma correia
E não posso ouvir senão o deslisar sereno das peças que trabalham
Eu lembro-me ás veses de que todas as outras pessoas devem sentir isto como eu

Mas dizem que lhes doi a cabeça ou sentem tonturas
Esta lembrança veiu-me como me podia vir outra qualquer
Como por exemplo a de que eles não sentem esse deslizar
E não pensam em que o não sentem

Neste salão antigo em que as panoplias de armas cinzentas
São a forma dum arcaboiço em que ha sinais doutras eras
Passeio o meu olhar materialisado e destaco de escondido nas armaduras

Aquele segredo de alma que é a causa de eu viver
Se fito na panoplia o olhar mortificado em que ha desejos de não ver
Toda a estrutura ferrea desse arcáboiço que eu pressinto não sei porquê
Se apossa do meu senti-la como um clarão de lucidez
Ha som no serem eguais dois elmos que me escutam
A sombra das lanças de ser nitida marca a indecisão das palavras

Disticos de incertêsa bailam incessantemente sobre mim
Oiço já as coroações de herois que hão-de celebrar-me
E sobre este vicio de sentir encontro-me nos mesmos espasmos
Da mesma poeira cinzenta das armas em que ha sinais doutras eras

Quando entro numa sala grande e nua á hora do crespusculo
E que tudo é silencio ela tem para mim a estrutura duma alma
E' vaga e poeirenta e os meus passos teem ecos estranhos
Como os que ecoam na minha alma quando eu ando
Por suas janelas tristes entra a luz adormecida de lá de fóra
E projecta na parede escura em frente as sombras e as penumbras
Uma sala grande e vazia é uma alma silenciosa
E as correntes de ar que levantam pó são os pensamentos

Um rebanho de ovelhas é uma coisa triste
Porque lhe não devemos poder associar outras ideias que não sejam tristes
E porque assim é e só porque assim é porque é verdade
Que devemos associar ideias tristes a um rebanho de ovelhas
Por esta razão e só por esta razão é que as ovelhas são realmente tristes

Eu roubo por prazer quando me dão um objecto de valor
E eu dou em troca uns bocados de metal. Esta ideia não é comum nem banal
Porque eu encaro-a de modo diferente e não ha relação entre um metal e outro objecto
Se eu fosse comprar latão e désse alcachofras prendiam-me
Eu gostava de ouvir qualquer pessoa expor e explicar
O modo como se pode deixar de pensar em que se pensa que se faz uma coisa
E assim perderia o receio que tenho de que um dia venha a saber
Que o pensar eu em coisas e no pensar não passa duma coisa material e perfeita

A posição dum corpo não é indiferente para o seu equilibrio
E a esfera não é um corpo porque não tem forma
Se é assim e se todos ouvimos um som em qualquer posição
Infiro que ele não deve ser um corpo
Mas os que sabem por intuição que o som não é um corpo
Não seguiram o meu raciocinio e essa noção assim não lhes serve para nada

Quando me lembro que ha pessoas que jogam as palavras para fazerem espirito
E se riem por isso e contam casos particulares da vida de cada um
Para assim se desenfastiarem e que acham graça aos palhaços de circo
E se incomodam por lhes cair uma nodoa de azeite no fato novo
Sinto-me feliz por haver tanta coisa que eu não compreendo

Na arte de cada operario vejo toda uma geração a esbater-se
E por isso eu não compreendo arte nenhuma e vejo essa geração
O operario não vê na sua arte nada duma geração
E por isso ele é operario e conhece a sua arte

O meu fisico é muitas vêzes causa de eu me amargurar
Eu sei que sou uma coisa e porque não sou diferente de uma coisa qualquer
Sei que as outras coisas serão como eu e teem de pensar que eu sou uma coisa comum
Se portanto assim é eu não penso mas julgo que penso
E esta maneira de me eu acondicionar é boa e alivia-me

Eu amo as alamedas de arvores sombrias e curvas
E ao caminhar em alamedas extensas que o meu olhar afeiçôa
Alamedas que o meu olhar afeiçôa sem que eu saiba como
Elas são portas que se abrem no meu ser incoerente
E são sempre alamedas que eu sinto quando o pasmo de ser assim me distingue

Muitas vêses oculto-me sensações e gostos
E então elas variam e estão em acordo com as dos outros
Mas eu não as sinto e tambem não sei que me engano

Sentir a poesia é a maneira figurada de se viver
Eu não sinto a poesia não porque não saiba o que ela é
Mas porque não posso viver figuradamente
E se o conseguisse tinha de seguir outro modo de me acondicionar
A condição da poesia é ignorar como se pode senti-la
Ha coisas belas que são belas em si
Mas a belêsa intima dos sentimentos espelha-se nas coisas
E se elas são belas nós não as sentimos

Na sequencia dos passos não posso ver mais que a sequencia dos passos
E eles seguem-se como se eu os visse seguirem-se realmente
Do facto deles serem tão iguais a si-mesmo
E de não haver uma sequencia de passos que o não seja
E' que eu vejo a necessidade de nos não iludirmos sobre o sentido claro das coisas
Assim haviamos de julgar que um corpo inanimado sente e vê diferentemente de nós
E esta noção por ser admissivel de mais seria incomoda e futil

Se quando pensamos podemos deixar de fazer movimentoe e de falar
Para que é preciso supôr que as coisas não pensam
Se esta maneira de as ver é incoerente e facil para o espirito?
Devemos supôr e este é o verdadeiro caminho
Que nós pensamos pelo facto de o podermos fazer sem nos mexermos nem falar
Como fazem as coisas inanimadas

Quando me sinto isolado a necessidade de ser uma pessoa qualquer
surge
E redemoinha em volta de mim em espirais oscilantes
Esta maneira de dizer não é figurada
E eu sei que ela redemoinha em volta de mim como uma borboleta
em volta de uma luz
Vejo-lhe sintómas de cansaço e horroriso-me quando julgo que ela vai
cair
Mas de nunca suceder isso acontece eu estar ás vêses isolado

Ha pessoas a quem o arranhar das paredes impressiona
E outras que se não impressionam
Mas o arranhar das paredes é sempre igual
E a diferença vem das pessoas. Mas se ha diferença entre este sentir
Haverá diferença pessoal no sentir das outras coisas
E quando todos pensem igual duma coisa é porque ela é diferente
para cada um

A memoria é a faculdade de saber que havemos de viver
Portanto os amnesicos não podem saber que vivem
Mas eles são como eu infelizes e eu sei que estou vivendo e hei-de viver

Um objecto que se atinge um susto que se tem
São tudo maneiras de se viver para os outros
Eu desejaria viver ou ser adentro de mim como vivem ou são os
espaços

Depois de comer quantas pessoas se sentam em cadeiras de balanço
Ageitam-se nas almofadas fecham os olhos e deixam-se viver
Não ha luta entre o viver e a vontade de não viver
Ou então — e isto é horroroso para mim — se ha realmente essa luta
Com um tiro de pistola matam-se tendo primeiro escrito cartas
Deixar-se viver é absurdo como um falar em segredo

Os artistas de circo são superiores a mim
Porque sabem fazer pinos e saltos mortais a cavalo
E dão os saltos só por os dar
E eu se désse um salto havia de querer saber porque o dava
E não os dando entristecia-me
Eles não são capazes de dizer como é que os dão
Mas saltam como só eles sabem saltar
E nunca perguntaram a si-mesmos se realmente saltam
Porque eu quando vejo alguma coisa
Não sei se ela se dá ou não nem posso sabe-lo
Só sei que para mim é como se ela aconteeesse porque a vejo
Mas não posso saber se vejo coisas que não aconteçam
E se as visse tambem podia supor que elas sucediam

Uma ave é sempre bela porque é uma ave
E as aves são sempre belas
Mas uma ave sem penas é repugnante como um sapo

E um montão de penas não é belo
Deste facto tão nú em si não sei induzir nada
E sinto que deve haver nele alguma grande verdade

O que eu penso duma vez nunca pode ser igual ao que eu penso doutra vez
E deste modo eu vivo para que os outros saibam que vivem

A's vêses ao pé dum muro vejo um pedreiro a trabalhar
E a sua maneira de existir e de poder ser visto é sempre diferente do que julgo
Ele trabalha e ha um incitamento dirigido que move os seus braços
Como é que acontece estar ele trabalhando por uma vontade que tem disso
E eu não esteja trabalhando nem tenha vontade disso
E não possa ter compreensão dessa possibilidade?
Ele não sabe nada destas verdades mas não é mais feliz do que eu com certeza

Em aleas doutros parques pisando as fôlhas secas
Sonho ás vezes que sou para mim e que tenho de viver
Mas nunca passa este ver-me de ilusão
Porque me vejo afinal nas aleas desse parque
Pisando as folhas secas que me escutam
Se pudesse ao menos ouvir estalar as folhas secas
Sem ser eu que as pisasse ou sem que elas me vissem
Mas as folhas secas redemoinham e eu tenho de as pisar
Se ao menos nesta travessia eu tivesse um outro como toda a gente

Uma obra prima não passa de ser uma obra qualquer
E portanto um obra qualquer é uma obra prima
Se este raciocinio é falso não é falsa a vontade
Que eu tenho de que ele seja de facto verdadeiro
E para os usos do meu pensar isso me basta

Que importa que uma ideia seja obscura se ela é uma ideia
E uma ideia não pode ser menos bela do que outra
Porque não pode haver diferença entre duas ideias
E isto é assim porque eu vejo que isto tem de ser assim
Um cerebro a sonhar é o mesmo que pensa
E os sonhos não podem ser incoerentes porque não passam de pensamentos
Como outros quaesquer. Se vejo alguem olhando-me
Começo sem querer a pensar como toda a gente
E é tão doloroso isso como se me marcassem a alma a ferro em braza
Mas como posso eu saber se é doloroso marcar a alma a ferro em braza
Se um ferro em braza é uma ideia que eu não compreendo

O descaminho que levaram as minhas virtudes comove-me
Compunge-me sentir que posso notar se quizer a falta delas

Eu gostava de ter de minhas virtudes gostosas que me preenchessem
Mas só para poder gosar o possui-las e serem minhas essas virtudes

Ha pessoas que dizem sentir o coração despedaçado
Mas não entrevistam sequer o que seria de bom
Sentir despedaçarem-nos o coração
Isso é uma coisa que se não sente nunca
Mas não é essa a razão porque seria uma felicidade sentir o coração despedaçado

Num salão nobre de penumbra em que ha azulejos
Em que ha azulejos azues colorindo as paredes
E de que o chão é escuro e pintado e com passadeiras de juta
Dou entrada ás vêses coerente por demais
Sou naquele salão como qualquer pessoa
Mas o sobrado é concavo e as portas não acertam
A tristeza das bandeiras crucificadas nos entre-vãos das portas
E' uma tristeza feita de silencio desnivelada
Pelas janelas réticuladas entra a luz quando é dia
Que entorpece os vidros das bandeiras e recolhe a recantos montões de negrume
Correm ás vêses frios ventosos pelos extensos corredores
Mas ha cheiro a vernizes velhos e estalados nos recantos dos salões
E tudo é dolorido neste solar de velharias

Alegra-me ás vêses passageiramente pensar qne hei-de morrer
E serei encerrado num caixão de páu cheirando a resina
O meu corpo ha-de derreter-se para liquidos espantosos
As feições desfar-se-hão em varios pôdres coloridos
E irá aparecendo a caveira ridicula por baixo
Muito suja e muito cançada a pestanejar

C. Pacheco

NÉVOA

COMPOSIÇAO DE

CASTELLO DE MORAES

A Fernando Pessoa

Slhi

Acaso andarão dois juntos se eles se não ajustarem entre si?

Amós, Pegureiro de Thécua, cap. III, § 3.

A névoa é o perdão do sol ás coisas imperfeitas.

Na sombra do meu Hoje vi a minha alma antiga como um farrapo de seda, todo vincado ainda a oiro de brosladuras. Vi-a longe, a ondear como um balsão heraldico sobre ferros de alabardas guiando heroismos e passos d'uma hoste guerreira.

Cavaleiros do Graal ou Nautas do Mar Tenebroso...

E quiz beber-lhe o perfume, um aroma quasi santo patinado de seculos. Mas o seu perfume era tão vago, tão incerto, como saudades de terem sido arvores sentidas no mar largo pelas antenas das caravelas. E doia, doia como ouvir cantar uma canção que nossa mãe cantava e já não canta por ser velhinha...

Vendo-a tão longe percebi que dentro de mim fazia névoa. E pela névoa não podia ver quem a minha alma teria sido...

Eu queria sabe-la no velho Egypto apenas um gesto de oferenda. O gesto d'alguem que tivesse os olhos velados e cuja oferta fosse trigo... Ou então, menos que gesto ou rithmo, o primeiro instante do silencio da pithoniza depois de ter ouvido o oraculo.... Para que eu a soubesse mysteriosa ou fecunda...

Só não a queria assim, o farrapo medievo a guiar guerreiros de alvorada ou nautas de sombra...

Para a destruir caminhei para ella atravez da bruma, mas perto senti-a como antigamente quando era docil e ficava comigo a ver pelos meus olhos os poentes em braza.

E perto já não era o balsão de guerra, nem o gesto de oferenda nem o silencio da pithoniza.

Era um escombro de mim, o som d'uma Hora que já tinha dado...

E como antigamente pelos meus olhos olhámos a terra.

A Terra era comnosco transviada e alheia da orgia do sol.

Slhi

Baldios e charnecas evocavam tambem para a sua miseria a bençam das névoas.

Mas como um templo as colinas eram santas para além do véu.

As arvores sentiam como nós passar-lhes entre os dedos o veludo humido do infinito e tudo para alem d'ellas era Belesa possivel, Tentação do longe, silhouette vaga d'um paiz estranho...

Então senti alhear-se de mim a alma antiga e vibrar comigo, em comunhão de sombra, a Outra, a alma da Terra, mysteriosa e fecunda.

O sonho heraldico, vincado a ouro e gloria, fugia-me, subia, a fechar-se junto de Deus n'uma ogiva de prece. Gemeas da minha ancia eram agora as arvores bracejando na bruma negras e torcidas como desejos insatisfeitos.

E junto a mim, áquem da bruma encontrei apenas a Imperfeita, Essa a quem eu emprestára a Graça Preterita. Sentia-a comigo, divina e rigida como as figuras das estellas de Karnak. Os olhos velava-lh'os a nevoa e o seu gesto era uma offerenda: a offerenda de si-mesma ao desejo do mestre...

.....

Mas pedi-lhe que não fallasse, dizendo-lhe evocar o siiencio para lhe entender os olhos... Para ficar a ver os seus olhos e a ver a bruma. Para juntar no meu espirito as duas ideias como dois retalhos de veludo egual. Queria perde-la para a ter comigo. Mas queria deixar no meu Hontem uma impressão de mysterio

Esta impressão não podia ficar da palavra; só podia have-la d'um olhar profundo na névoa densa...

Confessei-lhe ter sentido muitas vezes a minha propria imagem melhorada em mim, adoçada de Belesa só por lhe ter um instante enchido as pupilas; exactamente como via atravez da bruma menos rude e menos escalvado o monte fronteiro.

Pedi-lhe que não fallasse para não acordar o Tormento Novo. Contei-lhe que vinha soffrendo uma angustia inédita: o Mal da Palavra. Por isso tinha de perde-la, arranca-la de mim para só lhe fallar em Pensamento, em Ideia Pura, a que não manchasse a lépra do vocábulo.

Levei-a todas as tardes a ver o Poente. Ensinei-lhe a fallar-me-em Sombra; e era sempre na hora propicia, depois do Naufragio, n'um indicio de bruma violeta que n'um silencio de almas resavamos um beijo evocando a Noite.

E foi o osculo de Sombra que nos ungiu no Silencio.

Sentimos banal todo o sentimento concreto, porque já fôra d'outros e tentámos crear para nós a Dôr Nova, a dôr que não tem nome e por isso é virgem, absoluta, sem remedio.

Slhi

Na Hora soffriamos de outra Hora. Na Luz soffriamos de outra luz. A inercia dos labios, porém, algemavanos ao Tedio. Iamos pouco a pouco alheando-nos por não conseguirmos *a Ideia que sendo a mesma ao mesmo tempo gerasse em ambos o gesto perfeito no Instante propicio...*

Assim, uma tarde, longe de povoados, na charneca intonsa, estendidos n'uma chapada de zimbros celebravamos com o sol o sacrificio do tempo, melancolisando-nos gradualmente na melancolia da Hora, Eramos saudade nos corpos languidos e nos olhos humidos, eramos luz morrendo pela vida vivida como o sol o era pela curva transposta. Tinhamos sido harmoniosos até ao *Fiat* da Treva.

Ao primeiro osculo da sombra olhei-A esperando-lhe o gesto supremo de cançaço n'um cerrar de palpebras como azas inuteis e... vi-A levantar-se e de pé procurar ainda a caléte rubra no confim visivel. Soffri intensamente da curiosidade d'Ella.

Senti-A viva de mais e estrangeira, movel e postiça n'aquelle meio austero de raizes espiritualisadas em aromas mas sagradas de Immobilidade.

Doeu-me no craneo a impotencia do silencio para transmittir a Ideia e senti-A tão distante como quando me fallava...

A sermos a *Alma-una* teriam as palpebras d'ella tombado inertes pela minha vontade como seres dependentes d'um fóco vital commum... Mas erguera-se e tão alheia era da minha obra e da obra da Noite que procurava o Sol...

E pensei:

Onde o gesto que levasse aos olhos da Imperfeita o cerrarem-se conscientes numa comunhão de Sombra? E qual o gesto que não valesse a Palavra? E como seria doloroso ao mestre depois do Verbo sentisse atravessar o craneo d'Ella uma ideia falsa ou incompleta d'aquelle desejo! Se Ella o julgasse um convite ao beijo crastino e não a necessidade de crear o gesto harmonico com a Natureza na Epifania da Bruma?

.....

Erguemo-nos e viemos pela Noite silenciosamente.

Silencio penoso este, que veio depois. Não era o Mal da Palavra, era o medo da Ideia. O terror da confissão de impotencia.

E fui aguia morta. Fui o Jacob da Biblia do alto da escada humana a olhar o abismo e a pedir a vertigem.

Tive de lançal-A do zenith da minha orbita para guardar alguma coisa do meu sonho...

Tive de perdel-A e perdi-A.

Mas guardei comigo essa tarde violeta, a primeira do Silencio em que resámos um beijo a implorar a Névoa...

.....

Bella Vista, Março 917.

CASTELLO DE MORAES